



Artigo de Revisão

DOENÇAS OCUPACIONAIS NA ENFERMAGEM

OCCUPATIONAL DISEASES IN NURSING

Resumo

Adelita Campos Araujo¹

¹ Universidade Católica de Pelotas-RS
– UCPel
Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil

E-mail:
adelitacam@hotmail.com

As doenças ocupacionais (DO), ao longo do tempo, vêm ganhando espaço para discussões dentro da saúde do trabalhador, pois absenteísmo e afastamentos são constantes nos serviços de enfermagem. Sendo assim, o objetivo desse estudo é expor o ponto de vista acerca do tema proposto, visto que tal tema necessita de atenção específica, pois cuidar de alguém doente demanda uma série de esforços e clínica ampliada, que, muitas vezes, pode gerar estresse e visão acurada acerca do autocuidado. Logo, empresas de modo geral devem pensar seu colaborador como um todo físico, psíquico e emocional na perspectiva de vislumbrar um trabalhador satisfeito, atuante, saudável e cercado de apoio – o que implicará em índices menores de absentismos e serviços de qualidade prestados aos pacientes e familiares.

Palavras-chave: Saúde ocupacional; Enfermagem; Doenças Ocupacionais.

Abstract

The occupational diseases (OD) have become a frequent issue in discussions related to workers' health since absenteeism and withdrawal are common in the nursing service. Therefore, the objective of this study is stating a point of view concerning that topic as it needs specific attention because taking care of someone ill demands a great deal of effort and a large clinic. Many times it can generate stress and an accurate view about self care. Thus companies in a general way should think its employees as a whole: physically, psychologically, and emotionally so they can have a satisfied, active and healthy worker who feels surrounded by support. This will imply in lower rates of absenteeism and a qualified service provided to patients and their families.

Key words: Occupational health; Nursing; Occupational diseases.

Introdução

As doenças ocupacionais (DO) vêm ganhando espaço para discussões dentro da saúde do trabalhador. Denominam-se DO aquelas doenças contraídas ou desenvolvidas em virtude de condições particulares nas quais a atividade laboral é exercida pelo funcionário¹.

O trabalho, por sua vez, deveria ser prazeroso e, além disso, executado com segurança por se tratar não somente de uma fonte de renda, mas de satisfação e realização profissional e pessoal. Ele contribui para que o indivíduo se institua como sujeito, assegurando sua identidade e anseio pelo prestígio social². No entanto, com o avanço das tecnologias, a vida exige das pessoas modos de ser e de viver diferentes podendo, dessa forma, afetar a saúde dos sujeitos.

Corroborando com o exposto, atualmente, a sociedade tem vivido aceleradas mudanças nas quais as conquistas alcançadas têm afetado a vida humana tanto individual como coletivamente³. Esse conjunto de tarefas e modernidades oportunizaram às empresas lucros e uma produtividade mais intensa, mas, em contra partida, impactos à saúde do trabalhador emergiram afetando tanto o psíquico quanto o físico⁴.

Nesse cenário, o presente texto apresenta uma reflexão teórica sobre as DO no contexto dos trabalhadores da enfermagem, visto que o absentismo e afastamentos são uma constante nas instituições. Logo, tal tema torna-se relevante por ressaltar a importância das instituições de saúde em atentarem para com a saúde laboral de seus colaboradores, pois o comprometimento do bem estar pode não apenas afetar o restabelecimento de pacientes, como ocasionar sobrecarga de trabalho para colegas, gerar transtornos em escalas e prejudicar o andamento do serviço.

Doenças ocupacionais como ameaça à profissionais da enfermagem

Com as modificações sofridas pela nossa sociedade a cada ano, tanto nossa vida profissional como pessoal é comumente alterada. Constantemente o homem transforma o mundo e, também, se modifica para uma maneira de viver historicamente estabelecida, determinada socialmente e caracterizada por classes sociais². Logo, deve-se compreender que o momento no qual vivemos versa acerca da exacerbação das relações de consumo incidindo sobre o ser e agir das pessoas. As inovações e fortes mudanças no mundo propiciam transformações na maneira de viver dos indivíduos, incluindo o universo profissional⁵. Essas variações devem ser encaradas como parte do processo de evolução, pois são desafios não apenas para o indivíduo que os vive, mas principalmente para pesquisadores e educadores no sentido de conhecer a dimensão de tal processo que necessita ser visto e pensado como contribuinte para adocimentos.

Por outro lado, tais inovações podem estimular o profissional a mudar sua conduta para consigo, já que este procura auxílio no seu local de trabalho, aconselhamento médico, além de sugerir ações junto a colegas, discutir e problematizar agravos, buscando atividades físicas e tratamento adequado à sua condição. Para tanto, talvez seja necessário que o trabalhador desenvolva senso crítico sobre suas condições, relações de trabalho e maneira de atuar, para que, assim, possa posicionar-se conscientemente diante dos fatos, além de refletir acerca de valores e princípios que podem orientar seu fazer, visualizando-se como sujeito promotor de mudanças⁶. Se não trabalhadas, de diferentes formas, essas questões nas instituições de saúde, maneiras de ser e

de fazer estarão não somente prejudicando e comprometendo os profissionais de enfermagem, como afetando também a assistência prestada aos clientes⁷.

Destacam-se alguns indicadores e determinantes da penosidade, vivida por alguns trabalhadores de enfermagem, que podem vir a interferir na recuperação de pacientes e no andamento do serviço: distâncias percorridas entre os corredores, quartos e postos de enfermagem; carência de cadeiras, bem como de equipes habilitadas para o transporte de pacientes; temperatura ambiente não agradável; incerteza acerca das tecnologias e rotinas; informações insuficientes, assim como iluminação do ambiente escassa; medo do enfrentamento e sofrimento; morte; ausência de auxílio (grupos de apoio); falta de prestígio tanto pelos chefes quanto pelos colegas; desconsideração do ritmo biológico e dos horários de alimentação, além de hipoglicemia e irritabilidade; começo da jornada de trabalho em cedo horário; necessidade de trabalhar em mais de um emprego, entre outros fatores⁸.

Também, algumas equipes em hospitais deparam-se com a deficiência no quadro pessoal e no quadro de recursos materiais gerando, dessa maneira, um trabalho mais árduo e uma série de problemas à saúde⁵. Em certas empresas, trabalhadores atuam com recursos materiais precários e escassos, pondo em risco a biossegurança de funcionários, pacientes, além de atuarem com ausência de privacidade frente à organização de enfermarias⁷.

O aparelho psíquico pode, também, sofrer com o desempenho de uma atividade prejudicial “quando a liberdade para organização do trabalho é limitada, opondo-se aos desejos do trabalhador, gerando aumento da carga psíquica e abrindo espaço para o sofrimento no trabalho”⁹.

Questões éticas no ambiente de trabalho podem também contribuir para o adoecimento. Predominantemente, nós nos construímos pautados por uma moral autônoma, em que nos permitimos questionar e, se necessário, romper com o instituído⁷. Ou, ainda, agimos a partir do que outros decidem e determinam que façamos do sentimento de inadequação e da possível culpa resultante do conflito entre o que acreditamos que devemos fazer e o que, na verdade, aceitamos ou nos sujeitamos fazer. Há uma distância entre o cuidado prestado ao paciente e o autocuidado do profissional que participa desse processo^{10:259}.

Dessa maneira, torna-se imperioso saber desses profissionais suas percepções sobre saúde, suas qualidades de vida no local de trabalho, além de registrar o que os inquietam dentro do seu setor de atuação e o que poderia ser melhorado.

Além disso, é válido compreender de que maneira esse trabalhador cuida da sua saúde e, principalmente, como a instituição onde trabalha se mobiliza para com seu bem estar – caso isso não aconteça, que iniciativas poderiam ajudar as gerências e chefias a visualizar seu colaborador de forma a não olhar apenas em prol do lucro, mas também em proveito da qualidade do serviço oferecido para, conseqüentemente, obter o reconhecimento da sociedade.

Estratégias de prevenção de DO no ambiente laboral da enfermagem

Tratando-se de recursos humanos, a enfermagem vem a ser a maior representatividade numa instituição hospitalar. Sua função essencial é marcada pela promoção da saúde à uma parcela significativa de pessoas¹¹. Em uma organização social, o ser humano dedica ao trabalho aproximadamente 65% da sua vida produtiva (incluindo-se jornada de atuação, atividade propriamente dita, locomoção e atendimento das necessidades), significando a metade da sua existência na dedicação à sua atividade¹².

Desse modo, algumas estratégias possíveis de ser incorporadas em uma instituição de saúde, objetivando minimizar agravos à saúde do enfermeiro⁹:

- Discussão interna na organização, acerca das necessidades e prioridades de transformações, contando com a participação dos trabalhadores;
- Valorização dos empregados e de seu trabalho, incluindo incentivos ou recompensas para opiniões, empenhos e tarefas alcançadas com êxito;
- Disponibilização de autonomia e controle no trabalho desempenhado;
- Deliberações e concordâncias coletivas, envolvendo chefias e empregados no desenvolvimento de planejamentos e organizações, e não somente no cumprimento do trabalho;
- Valorização do trabalho, conhecimento de capacidades através da colaboração dos funcionários em todas as fases trabalho;
- Possibilidade de ascensão profissional para todos trabalhadores;
- Sensibilização e aperfeiçoamentos dos que atuam nos recursos humanos, saúde e segurança, oportunizando apoio, orientação ou condução segura para questões associadas à vida laboral, entre outros.

Ressalta-se que ao cuidar dos funcionários indiretamente estará sendo reforçado o cuidado ao paciente, pois as ações de saúde junto ao trabalhador precisam ser agregadas à saúde do paciente, visto que agravos ocasionados com colaboradores podem comprometer também o cliente¹⁰.

Sendo assim, ainda na graduação, deve ser reforçada a ideia de incluir a educação continuada em unidades, para que profissionais possam usufruir de saúde e bem estar no ambiente laboral. Nos cursos de bacharelado em enfermagem, as disciplinas que abarcam conteúdos da área da educação são trabalhadas de maneira dispersa, com dificuldades em associar a educação como saber da enfermagem¹³.

Daí a relevância de se discutir na graduação a saúde do trabalhador em enfermagem, bem como a atuação desempenhada pelo enfermeiro do trabalho. Tais abordagens tornarão o futuro profissional sabedor das condições ideais de trabalho, da importância de realizar os exames periódicos, além de propor aos seus colaboradores maneiras para um conviver e trabalhar saudável. “O conhecimento recebido na condição de aluno e após formação para realização da prevenção e tratamento das doenças não pode estar direcionado somente para o paciente, e sim, também, para o profissional de saúde”^{10:259}.

Atualmente, o mercado valoriza a mão-de-obra habilitada para dar conta do avanço tecnológico, desvalorizando a formação crítico-reflexiva hábil não apenas por impactar o campo do trabalho, mas por gerar progressos locais e sociais, a médio e longo prazo¹³. Logo, é fundamental cuidar de quem cuida, pois com saúde, disposição e autoestima o trabalho realizado pode vir a beneficiar pacientes e empresas, além do próprio colaborador tornar-se apto a aprimorar sua saúde como um todo.

No decorrer da assistência, o profissional não deve descuidar-se; essa prática não poderá ocorrer apenas em posterior desenvolvimento de uma doença¹⁰. Essa preocupação deve ter como foco a prevenção e identificação de agravos, pois além dos riscos já incorporados à profissão, outros podem ser ocasionados devido ao desconhecimento dos indivíduos em evitar danos e comprometimentos¹⁰.

Assim, a equipe que opera sobre a saúde do trabalhador, quando cogitar a necessidade de prevenção e educação dentre seus cooperadores, deve direcionar seus objetivos em três eixos fundamentais, que são: o trabalhador, o paciente e a instituição. Tais eixos passam a ser o centro para o planejamento, execução e avaliação de aperfeiçoamentos, discussões e tarefas educativas a serem propostas.

Desta forma, a educação continuada pode ser entendida como o processo de atualização técnico-científica que permite ao profissional a reflexão sobre seus objetivos e sua própria prática. Também, leva-o ao desenvolvimento pessoal e à elevação de sua autoestima, que propicia mais prazer no seu desempenho profissional com benefícios que não alcançam só às instituições bem como às pessoas assistidas por estes profissionais¹⁴.

Tal modalidade visa não apenas ensinar, mas procura desenvolver no profissional de enfermagem a consciência crítica, a capacidade de aprender, a motivação para ensino-aprendizagem, a constituição do conhecimento, o pensamento livre e a consciência crítico-reflexiva para, dessa forma, assumir seu compromisso profissional e pessoal para com seu fazer e, assim, transformar sua realidade¹⁵.

Conclusões

As DO entre trabalhadores de enfermagem é um tema que necessita de atenção específica, visto que cuidar o outro demanda uma série de esforços e conhecimentos. Muitas vezes, tais doenças podem gerar estresse, sentimentos de angústia, impotência e, ainda, fazer com que o profissional descuide de si, na ânsia de melhorar o seu fazer em favor da empresa.

Logo, corporações de modo geral devem pensar em seu colaborador como um todo, físico, psíquico e emocional na perspectiva de vislumbrar um trabalhador satisfeito, atuante, saudável e cercado de apoio – o que pode refletir em índices de absentismos amenos e serviço de qualidade prestado a pacientes e familiares.

Discussões realizadas dentro das escolas de enfermagem seriam outra forma de ajudar, pois na graduação pesquisas e reflexões podem ser realizadas e disseminadas junto à comunidade científica. Sendo assim, os

currículos de forma geral devem conter disciplinas voltadas ao assunto para que o aluno não saia da universidade sem as noções básicas para com sua saúde.

É preciso que o profissional de enfermagem não cogite apenas retorno financeiro e ascensão profissional, mas a promoção de seu autocuidado, sendo capaz de reconhecer sinais e sintomas de doenças relacionadas ao seu ambiente laboral e buscando ajuda na instituição na qual atua, bem como ajudando outros colegas no conhecimento e reconhecimento de agravos à saúde.

Nessa perspectiva, é necessário que haja o reforço das políticas e da educação em saúde voltada à prevenção e recuperação dos profissionais de enfermagem. Essas iniciativas devem partir tanto de escolas de enfermagem quanto de hospitais, unidades básicas de saúde, ou órgãos como os conselhos regionais de enfermagem. Com isso feito, será possível minimizar sofrimentos, estimular estratégias voltadas ao cuidado do trabalhador e melhorar a assistência oferecida.

Referências

1. Dreher ACP, Marisco, NS. Doenças ocupacionais: um enfoque nos profissionais de enfermagem da hemodiálise. Anais do Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, XIII Mostra de Iniciação Científica, VIII Mostra de Extensão da UNICRUZ; 2010 Cruz Alta, Brasil.
2. Oliveira BRG, Murofuse NT. Acidentes de trabalho e doença ocupacional: estudo sobre o conhecimento do trabalhador hospitalar dos riscos à saúde de seu trabalho. Revista Latino-Americana de Enfermagem. 2001; 9(1): 109-15.
3. Murofuse NT, Marziale MHP. Doenças do sistema osteomuscular em trabalhadores de enfermagem. Revista Latino-Americana de Enfermagem. 2005; 13(3): 364-73.
4. Murofuse NT, Abranches SS, Napoleão AA. Reflexões sobre estresse e Burnout e a relação com a enfermagem. Revista Latino-Americana de Enfermagem. 2005; 13(2): 255-61.
5. Leite PC, Silva, Merighi MAB. A mulher trabalhadora de enfermagem e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. Revista da Escola de Enfermagem da USP. 2007; 41(2): 287-91.
6. Backes DS, Lunardi Filho WD, Lunardi VL. O processo de humanização do ambiente hospitalar centrado no trabalhador. Revista Escola de Enfermagem da USP. 2006; 40(2).
7. Lunardi VL, Lunardi Filho WD, Silveira RS, Soares NV, Lipinski JM. O cuidado de si como condição para o cuidado dos outros na prática de saúde. Revista Latino-Americana de Enfermagem. 2004; 12(6).
8. Aben. Cartilha do trabalhador de enfermagem: saúde, segurança e boas condições de trabalho. Rio de Janeiro: Aben; 2006.
9. Martinez MC, Paraguay AIBB. Satisfação e saúde no trabalho - aspectos conceituais e metodológicos. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. 2003; 6: 59-78.
10. Pinheiro J, Zeitoune RCG. Hepatite B: conhecimento e medidas de biossegurança e a saúde do trabalhador de enfermagem. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. 2008; 12(2): 258-64.

11. Almeida CB, Pagliuca LMF, Leite ALAS. Acidentes de trabalho envolvendo os olhos: avaliação de riscos ocupacionais trabalhadores de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 2005; 13(5): 708-16.
12. Mauro MYC, Muzy CD, Guimarães RM, Mauro CCC. Riscos Ocupacionais em Saúde. *Revista de Enfermagem da UERJ*. 2004; 12: 338-45.
13. Peres AM, Ciampone MHT. Gerência e competências gerais do enfermeiro. *Revista Texto & Contexto de Enfermagem*. Florianópolis, 2006; 15(3) 492-9.
14. Girade MG, Cruz EMNT, Stefanelli MC. Educação continuada em enfermagem psiquiátrica: reflexão sobre conceitos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 2006; 40(1): 105-10.
15. Paschoal AS, Mantovani MF, Méier MJ. Percepção da educação permanente, continuada e em serviço para enfermeiros de um hospital de ensino. *Revista Escola de Enfermagem da USP*. 2007; 31(3): 478-84.

Endereço para correspondência

Rua José Moreira Sobrinho, s/n - Jequiezinho.
Jequié – BA – Brasil
CEP: 45.200-000

Recebido em 15/08/2012

Aprovado em 19/11/2012